Porto Alegre, v. 17, n. 2, jul./dez. 2014
ISSN impresso 1516-084X ISSN digital 1982-1654

Desafios da Docência em Educação a Distância: o que dizem os Professores

Challenges of Teaching in Distance Education: what say the Teachers

Celia Maria Haas
Universidade Cidade de São Paulo

José Norberto Sousa Lopes
Grupo Educacional Drummond

Resumo: Este artigo apresenta os resultados de pesquisa finalizada em 2012 cujo propósito foi identificar os desafios apontados por professores na mudança da atuação docente do ensino presencial de educação a distância (EaD), bem como identificar as dificuldades reconhecidas pelos professores e como eles se adequaram a esse processo. A pesquisa qualitativa, de caráter descritivo-exploratório, apoiou-se num questionário respondido pelos professores de uma instituição privada de educação superior da zona leste da cidade de São Paulo. Para a compreensão dos dados, contou-se com as reflexões de autores que tratam do tema em estudo. Os resultados demonstraram que os professores reconhecem a necessidade do conhecimento e domínio da tecnologia da informação (TI), fator fundamental para a atuação docente no ensino a distância. Apontaram também que, a plataforma pouco amigável e a quantidade excessiva de alunos nas salas virtuais são as principais dificuldades para a docência bem-sucedida no EaD.
Palavras-chave: Educação a Distância. Políticas públicas. Docência em EaD. Tecnologia da informação.

Abstract: This article brings to light the results of a research finished in 2012 the purpose of which was to identify the challenges teachers report when moving from direct physical contact with students to teaching at a distance (EAD) as well as to pinpoint the obstacles teachers stumbled over and how they adapted to the process. The qualitative research has a descriptive-exploratory character and is based on a questionnaire submitted to college teachers at a private institution from the eastern part of the town of São Paulo. To interpret the data collected the researchers relied on reflections by authors dealing with the theme. Results show that teachers avow the need to mastering Information Technology thoroughly, an essential requisite to remote teaching. Moreover, they remark that the platform is not user-friendly and that the high number of students in the virtual rooms interferes with the success of EAD teaching.
Keywords: Teaching at a distance. Public policies. EAD teachers. Information technology.

HAAS, Célia Maria; LOPES, José Norberto Sousa. Desafios da Docência em Educação a Distância: o que dizem os professores. **Informática na Educação**: teoria e prática, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 113-130, jul./dez. 2014.

1 Introdução

Em 2009, a instituição em estudo recebeu a autorização para ministrar cursos integralmente a distância e, para esta etapa institucional, a instituição de ensino superior (IES) buscou contratar professores que atendessem ao novo público. Aos professores que já ministravam aulas presenciais coube adotar essa modalidade, sem outras opções. Mobilizados pelo desafio que o novo cenário provocava, surgiu o interesse em problematizar a inserção desses professores compelidos a atuar na nova modalidade de Ensino.

Assim, definiu-se como objetivo da investigação conhecer como se deu a mudança da docência presencial para o ensino a distância, buscando identificar os aspectos positivos e negativos desse processo, reconhecidos por esse grupo de docentes.

Porto Alegre, v. 17, n. 2, jul./dez. 2014
ISSN impresso 1516-084X ISSN digital 1982-1654

A pesquisa, um estudo de natureza qualitativa, contou, para coleta dos dados, com a aplicação de questionário, com questões abertas e fechadas, dirigido ao grupo de docentes atuantes na EaD, oriundos do ensino presencial. A Instituição forneceu uma base de 99 nomes com respectivos e-mails de professores ativos na plataforma em 2011. A coleta de dados foi realizada entre os meses de outubro de 2011 a janeiro de 2012 e 49 docentes responderam o questionário desenvolvido para uso exclusivamente *on-line*.

2 A Docência em EaD

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) – Lei Federal 9.394, de 20 de dezembro de 1996, em seu art. 80 institui: "O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada" (BRASIL, 1996). Alguns anos depois, esse artigo foi regulamentado pelos "Decretos 2.494 e 2.561, de 1998, mas ambos revogados pelo Decreto 5.622, em vigência desde sua publicação em 20 de dezembro de 2005" (BRASIL, 2007, p. 5).

O Art. 26, do Decreto Federal nº. 5.622/05, na letra *b* do inciso IV, prescreve que as Instituições credenciadas deverão proceder a "seleção e capacitação dos professores e tutores" (BRASIL, 2005), como uma das responsabilidades que a oferta de cursos ou programas a distância impõe.

Os *Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância* (BRASIL, 2007), ainda que sem força de lei, servem de balizador para os processos específicos de regulação, supervisão e avaliação da modalidade citada, indica no que se refere aos docentes que:

> É enganoso considerar que programas a distância minimizam o trabalho e a mediação do professor. Muito pelo contrário, nos cursos superiores a distância, os professores veem suas funções se expandirem, o que requer que sejam altamente qualificados. Em uma instituição de ensino superior que promova cursos a distância, os professores devem ser capazes de:
> a) estabelecer os fundamentos teóricos do projeto;
> b) selecionar e preparar todo o conteúdo curricular articulado a procedimentos e atividades pedagógicas;
> c) identificar os objetivos referentes a competências cognitivas, habilidades e atitudes;
> d) definir bibliografia, videografia, iconografia, audiografia, tanto básicas quanto complementares;
> e) elaborar o material didático para programas a distância;
> f) realizar a gestão acadêmica do processo de ensino-aprendizagem, em particular motivar, orientar, acompanhar e avaliar os estudantes;
> g) avaliar-se continuamente como profissional participante do coletivo de um projeto de ensino superior a distância. (BRASIL, 2007, p. 20)

Entretanto, como lembra Oliveira (2013), para a grande maioria dos docentes a modalidade presencial é o espaço no qual tem atuado desde sempre e destaca que:

> Por ser a modalidade [presencial] pela qual tem sido formada, praticamente, a totalidade de estudantes da educação básica do país, os alunos e profissionais que são iniciados na docência presencial, não encontram muita dificuldade em construir um modelo de ensino presencial, uma vez que, além das leituras sobre a área, podem se espelhar na prática desenvolvida por seus professores. Entretanto, a maioria dos docentes que iniciavam práticas de ensino a distância não gozava de grande quantidade de modelos quando pas-

> savam a desenvolver suas atividades de ensino em EaD. (OLIVEIRA, E.N., 2013, p. 12)

Moran (2011) salienta que a EaD está modificando as formas de ensino e aprendizagem, inclusive as presenciais, que utilizarão cada vez mais recursos semipresenciais, flexibilizando a necessidade de presença física, com a reorganização dos espaços e tempos, mídias, linguagens e processos educacionais.

Este autor afirma, ainda, que a EaD, vista até pouco tempo atrás como modalidade secundária ou especial para soluções específicas, destaca-se, cada vez mais, como um caminho estratégico para diversificar a oferta de alternativas educacionais voltada a uma população também cada vez maior, posto que mais pessoas buscam nessa modalidade a solução para a falta de tempo e de facilidade de locomoção a uma Instituição de Ensino Presencial.

A demanda de profissionais para atuarem no ensino a distância que detenham conhecimentos de tecnologias e das boas práticas da plataforma é cada vez maior, daí a necessidade de preparar esses professores para desempenhar suas funções de forma consistente, como já veem fazendo algumas instituições, a exemplo das Universidades Federais e Estaduais do Estado do Mato Grosso, da Universidade de São Paulo e da Universidade Federal do Paraná e, como afirma Gatti:

> Educar e educar-se a distância requer condições muito diferentes da escolarização presencial. Os alunos em processos de educação a distância não contam com a presença cotidiana e continuada de professores, nem com o contato constante com seus colegas. Embora possam lidar com os temas de estudo disponibilizados em diferentes suportes, no tempo e nos locais mais adequados para seus estudos, num ritmo mais pessoal, isso exige determinação, perseverança, novos hábitos de estudo, novas atitudes em face da aprendizagem, novas maneiras de lidar com suas dificuldades. Por outro lado, os educadores envolvidos com os processos de ensino a distância têm de redobrar seus cuidados com as linguagens, aprender a trabalhar com multimídia e equipamentos especiais, maximizar o uso dos momentos presenciais, desenvolver melhor sua interlocução via diferentes canais de comunicação, criando nova sensibilidade para perceber o desenvolvimento dos alunos com quem mantêm interatividade por diferentes meios e diferentes condições [...]. (GATTI, 2010, p. 143)

Brito, já em 2003, afirmava que as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC) provocaram uma revolução não somente no campo da educação, mas também influenciaram todo o estilo de vida da sociedade do final do século XX. E afirmava, ainda, que a internet tem-se mostrado um meio natural para a difusão da EaD em todo o mundo. O motivo principal é a diversidade de ferramentas de interação que possui.

Romani e Rocha (2001) destacam que um grande desafio para a EaD é a forma de sistematização das questões por parte dos alunos, pois as questões evasivas são menos compreendidas pelo professor, podendo, assim, interferir no tempo de resposta, de modo a desmotivar os alunos a outros questionamentos. O professor, por sua vez, deverá se preparar para responder, de maneira clara e objetiva, as dúvidas dos alunos.

Bittencourt (1999) destaca, como vantagens da internet, a possibilidade do rompimento de barreiras geográficas de espaço e tempo, permitindo o compartilhamento de informações em tempo real, o que apoia a cooperação e a comunicação entre os usuários.

Outro ponto positivo da *internet* é a disponibilidade de mecanismos de mediação, síncro-

Porto Alegre, v. 17, n. 2, jul./dez. 2014
ISSN impresso 1516-084X ISSN digital 1982-1654

nos ou assíncronos, utilizados ao mesmo tempo, ou não. A combinação destes mecanismos torna a web um meio flexível e dinâmico para o estabelecimento da EaD.

Abordagens síncronas são aquelas nas quais professores e alunos devem estar utilizando a ferramenta no mesmo instante, mas sua utilização é limitada, pois há empecilhos tecnológicos para a implementação. Brito (2003, p. 63) afirma que, "[...] como sempre haverá problemas de compatibilidade de horários, além das restrições de tempo do próprio professor que não poderá estar o tempo inteiro disponível para este tipo de interação".

Nas abordagens assíncronas pode ocorrer a interação independentemente da presença de ambos, podendo ser realizada em momentos distintos, conforme menciona Brito,

> [...] no modelo assíncrono não há necessidade da presença dos atores do processo ensino-aprendizagem no mesmo momento, tornando-se mais flexível à interação entre eles [...] estabelece uma dinâmica importante para o desempenho dos alunos e os estimula a criarem questões bem elaboradas. (BRITO, 2003, p. 63)

Na modalidade da EaD, sobretudo na abordagem assíncrona, o professor não sabe se o aluno está visualizando os conteúdos, se estudou determinado assunto, se assistiu ao vídeo proposto ou se apenas está entrando na sala para marcar presença. Os conteúdos e atividades são postados, ficando o estudo e a execução dos exercícios por conta do aluno, que os envia posteriormente ao professor para verificação.

Em algumas plataformas de ensino, como o *Moodle*, por exemplo, utilizado na IES em questão, a abordagem é assíncrona e as atividades podem ser enviadas para o aluno sem a correção do professor. O sistema as corrige automaticamente, desde que configuradas pelo próprio professor antes de disponibilizar as aulas, além do quê, professor e aluno não precisam estar *on-line* simultaneamente para atingirem resultados.

De acordo com Maia e Meirelles (2004), a EaD tornou-se uma oportunidade ímpar para que a instituição e os professores repensem suas práticas educativas. Destacam os autores que a autonomia dos alunos é o foco nessa modalidade de educação, na qual são estimulados e instigados a buscar, como sujeitos, o processo de construção do conhecimento e, nesse contexto, o ambiente de aprendizagem e a proposta pedagógica devem promover autonomia e reflexão crítica.

Leite e Silva lembram que:

> Os professores precisam saber como fazer EAD. Ensinar a distância é muito diferente de ensinar presencialmente, mesmo para professores com larga experiência em ensino. São necessárias diferentes habilidades de apresentação da informação e de planejamento, desenvolvimento e avaliação de estratégias de ensino nas quais professor e aluno estejam distantes fisicamente. Além do mais, é necessário dominar o meio ou o sistema de transmissão da informação adotado. Nas próximas décadas veremos uma nova geração de professores que terá realmente se graduado a distância e adquirido experiência real para realizar cursos via EAD. (LEITE; SILVA, 2000, p. 3)

Oliveira, B.A. e Oliveira, Y.C.F.R (2010) afirmam que não há um modelo único de Educação a Distância, pois os programas podem apresentar diferentes desenhos e múltiplas combinações de linguagens e recursos educacionais e tecnológicos. O ponto central da educação superior – seja ela presencial ou a distância, nas inúmeras combinações possíveis entre presença, presença virtual e distân-

cia – é o desenvolvimento humano, em uma perspectiva de compromisso com a construção de uma sociedade socialmente justa. Para estes autores o projeto político-pedagógico deve apresentar claramente sua opção epistemológica de educação, do currículo, do ensino, de aprendizagem, de perfil do estudante que deseja formar, delineando princípios e diretrizes que darão base ao desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem.

3 A Mudança do Ensino Presencial Para a EaD na Perspectiva dos Professores

A problemática proposta foi investigar como se deu, para um grupo de docentes, o processo de mudança da atuação no ensino presencial para a docência no ensino a distância, buscando conhecer, na perspectiva desses docentes, o que de fato experimentaram nesse aspecto. E, ainda, levantar as dificuldades por eles reconhecidas, na nova etapa profissional, qual seja, a atuação na EaD.

Para fins de análise, os dados coletados por meio de um questionário *on-line*, foram organizados em três categorias: a) Perfil dos professores; b) Mudança do ensino presencial para EaD; e, c) Aspectos da atuação docente.

3.1 O Perfil dos Professores da Ead

O primeiro aspecto a ser destacado na categoria Perfil dos professores da EaD, diz respeito ao sexo do grupo participante da pesquisa. Da amostra de 49 professores que responderam ao questionário, o universo feminino, mesmo com pequena diferença, prevaleceu, pois, 26 (53%) eram mulheres e 23 (47%), homens.

Ao questionar a faixa etária de cada professor, o resultado foi registrado conforme Gráfico 1.

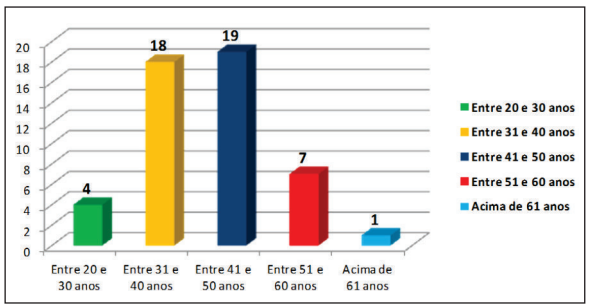

GRÁFICO 1 – Universo de Pesquisados por Idade

FONTE: Pesquisa empírica.

A prevalência, neste grupo, está na faixa de idade entre 41 e 50 anos, o que poderia confirmar que docentes de cursos superiores da área tecnológica são profissionais experientes do mercado, mas, os dados seguintes negam. Assim, este dado indica a presença de um grupo de docentes que fez da docência sua principal ocupação.

No que se refere à formação deste grupo, de um total de 49 professores, 61%, que equivale a 30 professores, assinalou a área de Humanas, 10 professores (20%) são da área de Exatas, 8 (16%) têm formação em Ciências Sociais e apenas 01 professor assinalou a área de Ciências Biológicas (2%).

Este grupo tem grande número de professores com formação na área de Humanas, possivelmente pelo fato de que a maioria dos cursos da instituição é desta área. Quanto ao grau acadêmico, apenas 01 professor (2%) tem nível de graduação, 20 professores (41%) são especializados, 23 são mestres (47%) e 5 doutores (10%).

Dos pesquisados, 23 docentes (47%) estão na Instituição há um período que varia de 01 a 03 anos; 19 deles (39%) estão na Instituição

Porto Alegre, v. 17, n. 2, jul./dez. 2014
ISSN impresso 1516-084X ISSN digital 1982-1654

de 04 a 07 anos; 06 (12%) estão na Instituição de 08 a 11 anos; e apenas 01 professor (2%) está na Instituição entre 12 a 15 anos, conforme demonstra o Gráfico 2.

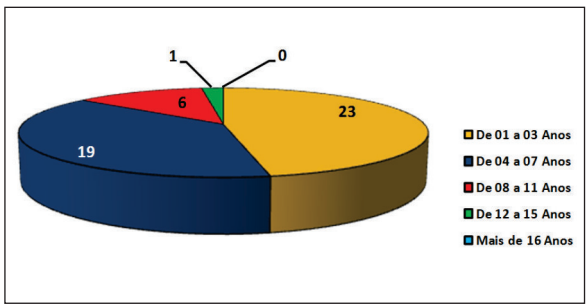

GRÁFICO 2 – Universo de Pesquisados por Tempo no Ensino Superior Presencial na Instituição pesquisada

FONTE: Pesquisa empírica.

Na sequência, buscou-se saber há quanto tempo eles lecionam na modalidade Educação a Distância, estabelecendo-se cinco faixas de tempo para as respostas, ou seja, de 01 a 03 anos, de 04 a 07 anos, de 08 a 11 anos, de 12 a 15 anos e mais de 16 anos, obtendo os resultados demonstrados no Gráfico 3.

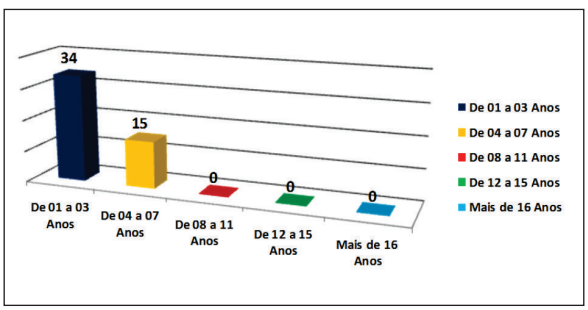

GRÁFICO 3 – Universo de Pesquisados por Tempo no EaD na Instituição Pesquisada

FONTE: Pesquisa empírica.

Deste conjunto, 34 professores atuam na modalidade EaD na faixa de 01 a 03 anos, cerca de 69% do total da amostra, seguido de 15 (31%) professores que estão na Instituição trabalhando com a EaD no período de 04 a 07 anos.

No que tange à questão de nº 8 do questionário respondido pelos professores, empregou-se o verbo preferir, no sentido eminentemente denotativo, ou seja, com o significado de "escolher uma pessoa ou uma coisa entre outras; determinar-se por; gostar mais" (DICIO, 2009). Assim, o respondente esteve totalmente livre para manifestar-se sobre a modalidade de ensino através da qual deseja exercer sua atividade. Portanto, quanto à escolha da modalidade presencial ou a distância, 36 professores (73%) preferem trabalhar com a modalidade de Ensino Presencial; 05 (10%), na modalidade a distância; e 8 (16%) são indiferentes.

Ao fazer o cruzamento de idade e sexo em relação à preferência da modalidade de ensino, observou-se que os professores mais velhos preferem a modalidade presencial. Dos sete professores entre 51 a 60 anos, quatro optam pelo ensino presencial; um único professor, acima de 61 anos, também elege o ensino presencial. Dos professores que assinalam a modalidade presencial, a predominância cabe ao sexo feminino, num total de dezenove professoras, de todas as faixas etárias, e dezessete do sexo masculino.

3.2 A Mudança da Modalidade Presencial Para EaD

Como todos os professores envolvidos nesta pesquisa atuam efetivamente na docência da EaD, buscou-se conhecer se realmente estão interessados pelo trabalho docente nessa modalidade.

Dos 49 professores que responderam o questionário, 19 deles consideram a EaD um

desafio. Dez professores (20%) apontaram a flexibilidade de horários como fator motivacional; outros 10 (20%) responderam que é devido à exigência do mercado; 05 (10%) afirmaram que há interesse por conta da remuneração e os outros 05 (10%) disseram que não existe motivação para trabalhar na EaD.

Dos 19 professores que consideram o desafio como fator motivacional para trabalhar na modalidade, a maioria (14) também respondeu que prefere a modalidade presencial, então justificam como desafio a atuação, uma vez que não gostam da modalidade em EaD. Desse grupo, 12 são do sexo feminino e 7 do sexo masculino. Do mesmo grupo de 19, três são doutores, 10 são mestres e 6 são especialistas. Neste caso, especificamente, a palavra *gostar* pode, de um modo ou de outro causar estranheza ao leitor por se tratar de uma pesquisa científica, todavia há um propósito nessa questão semântica, que é o de buscar exatamente o sentimento do professor envolvido na pesquisa pelo fato de que pode estar exercendo a docência EaD de maneira compulsória e pode não ser de seu agrado, o que *in tese* poderia ensejar uma segunda pesquisa na temática motivacional, a ser considerada, evidentemente, por eventuais interessados.

Os professores (10) que apontaram a flexibilidade de horários como fator motivacional, a maioria é do sexo masculino. Entende-se como flexibilidade de horários a possibilidade de atuar em horários não convencionais, pois o atendimento aos alunos é feito de maneira assíncrona. A maioria que escolheu essa opção é constituída por especialistas (06), indicando que esse grupo não tem a docência como principal ocupação. Nesse grupo há 01 professor com nível de graduação e 03 são mestres.

Dos 05 professores que responderam que não há motivação, 02 são Mestres, 02 são Doutores e 01 tem Especialização. Dos 05 que consideram a remuneração como fator motivacional, 03 são Especialistas e 02 são Mestres.

Ao refletirem sobre a transição de uma modalidade para outra, 42 professores sentiram mudanças de uma modalidade para a outra e apenas 07, ou seja, 14%, responderam que não sentiram mudanças de uma modalidade para outra; 26 (53%) admitiram dificuldades nessa transição; outros 16 (33%) não tiveram dificuldades e 7 não responderam a questão, pois não reconheceram mudanças nessa transição.

As áreas de formação desses professores que responderam que *não* sentiram mudanças são as seguintes: Humanas (4); Exatas (2); e apenas 01 de Sociais. Esperava-se que os professores da área de Exatas não tivessem dificuldades na mudança de uma modalidade para outra, expectativa não confirmada pela pesquisa.

Dezesseis professores (08 homens e 08 mulheres) responderam que não tiveram dificuldades com a mudança do modelo presencial para o EaD e mesmo não tendo dificuldades afirmaram que, se pudessem, optariam pelo ensino presencial ao EaD. Do grupo (16) que teve dificuldade na transição 10 atuam na IES há pouco tempo (01 a 03 anos) e os 6 restantes estão de 04 a 07 anos na Instituição.

Dos 26 professores que admitiram dificuldades na transição de uma modalidade para outra, 10 relataram que a plataforma foi o maior obstáculo, considerando que a ferramenta não é de fácil adaptação e a falta de preparo dificultou o entendimento e a organização do material de modo adequado para o aprendizado do aluno.

Cinco docentes destacaram a falta de contato pessoal como fator de dificuldade, pois na EaD as respostas para os questionamentos são

Porto Alegre, v. 17, n. 2, jul./dez. 2014
ISSN impresso 1516-084X ISSN digital 1982-1654

individuais e na Modalidade Presencial, a mesma resposta pode servir para todos os alunos em sala de aula. Um dos professores apontou que há certa dificuldade de adaptação para o contato com os alunos na forma virtual, pois julga difícil saber se o aluno entendeu o assunto ou não, uma vez que não consegue visualizar as reações dos alunos.

Leite e Silva (2000) afirmam que, ensinar a distância é bem diferente do que ensinar presencialmente, mesmo para professores com larga experiência em ensino. Complementam, ainda, lembrando que são necessárias diferentes habilidades de apresentação da informação e de planejamento, desenvolvimento e avaliação de estratégias de ensino nas quais professor e aluno estejam distantes fisicamente. Estas questões são aspectos comentados pelos professores desta pesquisa, pois reconheceram que as principais dificuldades ocorreram por conta do avanço da tecnologia, exigindo novos aprendizados para a docência na modalidade EaD.

A quantidade de alunos em cada sala de EaD também é apontada pelos professores como uma das dificuldades; turmas numerosas dificultam identificar se as informações (atividades) postadas foram feitas por eles ou por outra pessoa, dificuldades em *feedback* preciso, observando que, na maioria das vezes, os trabalhos propostos para serem desenvolvidos individualmente acabam sendo feitos em grupo, ocasião em que um aluno ajuda o outro a desenvolver a atividade, resultando em dificuldade na avaliação da aprendizagem.

Litto (2010) assegura que, o aluno precisa assumir um novo papel. Inicialmente, deve fazer as perguntas corretas, pois no ambiente *on-line*, conectado em comunicação assíncrona, o professor nem sempre está *logado* para responder de pronto, exigindo dos alunos a capacidade de resolver problemas e interpretar textos.

Do total de 49 professores, 41 (84% da amostra) elegem a modalidade de EaD e apenas 08 professores a evitariam.

Dos 41 que avaliam positivamente o ensino a distância, 12 justificaram esse modelo por conta da flexibilidade de horários, proporcionada tanto para o professor quanto para o aluno. Quatro dos professores destacam o dinamismo, mas observam que depende muito da interação dos alunos para que funcione corretamente e as aulas possam ser abordadas de modo eficiente, lembrando que a Modalidade ou a Plataforma deveriam ser mais bem projetadas para atender alunos e professores.

Seis deles consideram desafiador o fato de acolherem a modalidade a distancia, pois essa aceitação resulta na quebra de alguns paradigmas, fundamentalmente por fazer florescer certas diferenças na forma de ensinar. O desafio da docência em EaD exige dos professores inovação na forma de postar ou demonstrar novos conhecimentos. A utilização de recursos alternativos para postar suas aulas é considerada um desafio na modalidade. Um dos entrevistados que leciona na EaD, entre 01 e 03 anos, aprova a modalidade, pois julga um desafio ter iniciado sua carreira no ensino a distância e, ainda que passados 2 anos nessa atividade, a considera instigante. Pensando em contribuir com o aperfeiçoamento da modalidade, um dos entrevistados apontou que a vantagem da flexibilidade do horário é um aspecto que merece maiores estudos.

Vale, ainda, destacar a fala de um dos respondentes que admite como aspecto positivo o fato de não haver contato presencial com os alunos e considera mais desgastante trabalhar com as aulas presencialmente do que à distância, pois: "Não existindo o contato direto com

os alunos cotidianamente há flexibilidade de horário. Estes são os mais importantes. Trabalhei como professor presencial durante 25 anos + ou - e há quatro exerço atividades de EaD que considero muito mais gratificante e menos desgastante"[1].

Facilidade, praticar novas estratégias de ensino, trabalhar em modelos de ensino que estão em franca expansão, aliar TI à Educação, praticar a empatia enquanto ministram as aulas, colocar-se no lugar do aluno, proporciona a inclusão digital e dá oportunidades para novas formas de aprendizagem, formas diferentes de construir conhecimento em sociedades globalizadas. Essas são justificativas apontadas por alguns entrevistados pelo fato de optarem pela modalidade à distância.

A escolha pelo ensino presencial é a decisão de 04 professores, pois entendem que a dinâmica no ensino presencial é mais acentuada e viva. O contato direto com os alunos é considerado mais assertivo. Esses mesmos professores acreditam que há certa rejeição por parte dos alunos que estão fazendo as disciplinas em EaD e destacam como atitudes de rejeição o fato de os alunos não cumprirem os prazos e reclamarem das atividades que precisam realizar.

Um professor destaca seu descrédito em relação à EaD para o público de Graduação e acredita que a maioria dos alunos não tem disciplina para acompanhar cursos na modalidade a distância.

Ainda como parte do estudo, após questionar se os professores gostam ou não da Modalidade de EaD, houve-se por bem perguntar se indicariam os cursos nessa Modalidade para outras pessoas. Do total de 49 respondentes, 40 professores (82%) responderam *Sim*, afirmando que indicariam a modalidade para outras pessoas e 09 professores (18%) responderam que não o fariam.

Em seguida, questionou-se sobre a existência de um perfil adequado para o professor atuante na EaD, e, do universo de 49 professores entrevistados, 43 (88%) responderam que existe esse perfil e apenas 06 (12%) afirmaram que não existe.

Para os que confirmaram que há um professor com esse perfil, solicitou-se que descrevessem tais características. O que prevaleceu entre os entrevistados é a ponderação de 28 dos 49 professores que alegaram, sobre o perfil, tratar-se de um profissional com conhecimento de Informática e da plataforma. Entretanto, pelas observações feitas, a plataforma nem é tão importante, se o professor conhece Tecnologia da Informação. A plataforma, com a facilidade cada vez maior em trabalhar com o computador e as tecnologias, torna-se mais amigável e deixa de ser um empecilho, pois como afirmam Leite e Silva (2000) as tecnologias estão emergindo, crescendo em popularidade e tornando possível o oferecimento de novas oportunidades para todo o tipo de estudante.

Outro professor, por sua vez, afirma que o profissional ideal para a EaD é aquele que detém conhecimentos de Tecnologia ou, no mínimo, tenha ótimo conhecimento da Plataforma a ser utilizada. Além disso, recursos audiovisuais também são observados por ele como itens essenciais, de modo que o professor possa desenvolver ou escolher seus materiais para divulgação junto aos alunos.

Outras informações descritas pelos docentes são relativas ao tempo disponível, considerado curto para dar atenção aos alunos, organização e dinamismo para expor seus conhecimentos de maneira clara e objetiva, ser atencioso, paciente, ter criatividade, flexibili-

[1] Foi adotado outro tipo de fonte para as falas dos respondentes para distingui-las das citações.

Porto Alegre, v. 17, n. 2, jul./dez. 2014
ISSN impresso 1516-084X ISSN digital 1982-1654

dade, ser disciplinado e assertivo com os conteúdos disponibilizados na plataforma.

Uma das manifestações que chamou a atenção, tratou do perfil ideal do professor de EaD que deve ter conhecimentos de Tecnologia e conhecimentos da plataforma. Assim relatou o docente: "[...] principalmente ser bem remunerado para tal, achar que a Ead tem menos trabalho e por isso ganhar menos, isso é uma verdadeira lenda para não falar que é uma economia com pouco sentido. Pois o professor não tem tempo para atender a todos os alunos como é necessário e os alunos não conseguem aprender, então é um fingimento completo [...] o professor finge que ensina e o aluno finge que aprende".

Outro respondente afirmou que o perfil ideal para o professor da Modalidade em EaD é o do professor mais atencioso do que na modalidade convencional, que seja preciso em suas respostas, que tenha facilidade para escrever e o faça com tempo e seja paciente para com os alunos virtuais.

Para os 06 docentes que alegaram não haver esse perfil adequado, qualquer um pode se ajustar na modalidade a distância. Para esse grupo de respondentes, basta que o professor tenha força de vontade, domínio de conteúdo, independentemente da modalidade na qual esteja trabalhando e, sobretudo, precisa que goste de ministrar aulas. Acreditam, ainda, que para o educador que tenha escolhido a profissão, ainda que tenha iniciado no ensino presencial, terá facilidade de adaptação ao EaD com um mínimo de treinamento e conhecimentos básicos da plataforma. Defendem que a diferença está exclusivamente na forma de transmitir os conteúdos.

3.3 Aspectos da Atuação Docente em EaD

Os professores foram questionados quanto ao reconhecimento das diferenças de atuação docente em relação às duas modalidades.

Quarenta professores (82%) reconheceram diferenças na atuação docente entre as duas modalidades e apenas 09 (18%) afirmaram não haver distinção na prática docente das duas modalidades.

O primeiro a responder afirmou que o profissional da modalidade a distância deve ter, obrigatoriamente, conhecimentos em TI, para que possa ter uma "[...] dinâmica mais acentuada" nas atividades propostas. A falta de contato presencial é reconhecida como diferença na atuação do professor na Modalidade em EaD, exigindo-se mais clareza no momento em que as questões são respondidas *on-line* e o professor deve se preparar para a modalidade, pois, conforme menciona Litto (2010), o professor da modalidade a distância deve se preparar metodologicamente para assumir tal responsabilidade, pois os alunos, de alguma forma, já estão acostumados com o mundo interativo.

Houve também a alegação de que, na modalidade presencial existe a possibilidade de exposição dos conteúdos teóricos e logo após a proposta de exercícios práticos de fixação, com o devido acompanhamento ao desenvolvimento dos alunos, já na EaD questionou-se como fazer para aplicar exercícios práticos após a teoria, sugerindo que as disciplinas mais técnicas não devem ser oferecidas na modalidade.

Nessa prática, a demonstração dos conteúdos é restrita à ferramenta utilizada, enquanto que, presencialmente, consegue-se trabalhar várias dinâmicas. Na modalidade EaD, a falta

de conhecimento em relação aos alunos dificulta o diálogo professor/aluno.

Quanto aos aspectos levantados pelos professores, as autoras Leite e Silva (2000) afirmam que, na modalidade EaD há necessidade de se impor a revisão do processo educativo e que sejam descobertos novos espaços para aprendizagem via rede de computadores, e, qualquer que seja o curso na modalidade a distância, voltado para o professor, deve objetivar a autoformação, pois a autonomia do indivíduo é um compromisso de todo processo educativo.

Outro professor, em fase de adaptação à EaD, relatou experimentar técnicas e métodos, afirmando que a linguagem utilizada na plataforma deve ser bem clara para os alunos, de modo que entendam o que o professor quer transmitir e mencionou os fóruns como boa opção para contato com os alunos e melhorar a comunicação. Trabalhar com textos pequenos e com questionários, continua o respondente, mostrou-se bastante eficaz na utilização da modalidade, pois os alunos recebem o *feedback* continuamente e de maneira mais rápida, fornecendo um contato mais permanente entre professores e alunos.

Um dos professores mencionou que "[...] a EaD torna-se um ambiente frio para a lidar com os alunos", enquanto o Ensino Presencial proporciona proximidade e praticidade. Os eventuais questionamentos e problemas levantados em sala de aula são resolvidos ali mesmo, antes de encerrar a aula, sendo que na EaD os questionamentos quase sempre são resolvidos dias depois – opinião de 02 participantes.

Outro professor observou que a EaD necessita "[...] maior efetividade, criatividade, maior envolvimento e comprometimento dos alunos" e, em contrapartida, citou que o ensino presencial "[...] exige mais quanto aos conteúdos, conceitos, postura, domínio e atualização dos temas abordados, inclusive, a didática de cada professor deve ser sempre renovada".

Especificamente, no curso de Logística, 01 professor mencionou que a atuação docente na modalidade deve começar pelo uso e acesso às redes de computadores. Vários alunos do curso não têm possibilidade de acesso ao computador, tampouco à *internet*, tendo que se deslocar até a Instituição para responder os exercícios e acessar a plataforma. Enfatiza, ainda, que o planejamento e estratégia das aulas devem ser diferentes do modo presencial.

Os nove que afirmaram não existir diferenças na atuação docente, continuam preferindo a Modalidade Presencial.

Questionados sobre a motivação de suas respostas 05 deles consideraram um desafio trabalhar na modalidade EaD. Um dos professores apontou a falta de orientação sobre os procedimentos para a utilização da modalidade a distância; outro afirmou que o mais importante é conhecer os assuntos que serão abordados na Disciplina que se dispôs a lecionar; um terceiro afirmou que a única diferença na atuação do professor na modalidade em EaD é a ausência do professor fisicamente; quanto ao restante não houve alteração. Mas, 01 docente acredita que a EaD é basicamente a *virtualização* do Ensino. Afirmou, ainda, que nesse modelo são utilizados os mesmos procedimentos das aulas presenciais, só o contato com o aluno que é de forma eletrônica. Dois outros professores afirmaram que não veem diferenças entre as modalidades presenciais e a distância. Três, entretanto, relataram identificar a mudança na utilização da Tecnologia para a mediação dos conhecimentos, destaque corroborado por Haguenauer (2005) ao afirmar que para termos um ensino de qualidade não são necessárias distinções das modalidades. A au-

Porto Alegre, v. 17, n. 2, jul./dez. 2014
ISSN impresso 1516-084X ISSN digital 1982-1654

tora pontua também que as práticas pedagógicas mais eficientes do ensino presencial podem ser adequadas para a EaD, pois, o que muda, segundo a autora, é apenas a forma de comunicação, antes presencial e, agora, *on-line*.

Em relação às principais características metodológicas na atuação docente no Ensino Presencial e na EaD observou-se que, no que se refere ao Ensino Presencial, 08 professores ressaltaram que a principal característica é o dinamismo e depois assertividade. Destacaram o ritmo nos conteúdos, a teorização e aplicação dos conceitos, aplicação de estudos de caso e necessidade de se evitar as mesmas atividades em sala de aula. Acreditam também que são aspectos importantes a organização e domínio dos conteúdos, a postura docente e respeito dos alunos. Consideraram ainda a necessidade da aplicação de exercício relacionados aos conteúdos teóricos vistos em sala de aula, além de proposta de assuntos pontuais para enriquecimento da dinâmica da aula, escolha didática adequada para cada disciplina. Finalizaram apontando a empatia entre professores e alunos e a presença do professor em sala de aula. Os aspectos inventariados pelos professores são referendados por Haguenauer (2005), que considera necessário repensar a educação e substituir as metodologias e estratégias arcaicas, modernizar a educação para acompanhar as enormes transformações na área da neurologia, cognição e TI ocorrida no mundo.

Dois respondentes citaram que, a forma de avaliação em sala de aula e a necessidade de saber se o aluno está aprendendo ou no mínimo prestando atenção nos conteúdos expostos, são maneiras de perceber as dificuldades dos alunos. Afirmaram que no modo presencial é mais fácil acompanhar os planos de ensino, ter o domínio da disciplina ministrada, flexibilidade para se adequar aos questionamentos dos alunos. Também saber contextualizar os assuntos abordados, ter domínio na transmissão dos conteúdos, orientar os alunos, obter *feedback,* ter mais tempo para discutir os temas abordados e saber identificar as dificuldades dos alunos, todos estes itens são características inerentes ao ensino presencial.

Após responderem sobre as principais características metodológicas do Ensino Presencial fizeram suas observações sobre a EaD, mencionando a obrigação dos conhecimentos técnicos, a qualidade do material apresentado aos alunos, que deve ser mais objetivo, a atualização constante nos métodos de trabalho, responder às questões feitas por eles rapidamente. Motivar os alunos a participarem das aulas, identificar o silêncio destes, a falta de questionamentos sobre os assuntos expostos, manter contato constante com os discentes, disciplina e comprometimento no envio dos materiais aos alunos. O professor se tornar um facilitador na aprendizagem para o aluno, segundo as observações feitas pelos entrevistados.

Também mencionaram que, como existem mais alunos em uma sala virtual do que em sala presencial quando há um questionamento, a resposta serve para todos, quase sempre ocasionando mais dúvidas para outros alunos, pois a formulação da pergunta e entendimento da resposta varia conforme a interpretação de cada um.

Como todos os professores participantes desta pesquisa estão inseridos, efetivamente, na modalidade de EaD, procurou-se saber como se prepararam para iniciar na modalidade.

Dos 49 professores participantes da pesquisa, 27 (55%) responderam que se prepararam participando de um treinamento, visto

que a Instituição disponibiliza *on-line* para os professores ingressantes; 08 (16%) afirmaram que já conheciam a modalidade de EaD através de outra Instituição; 09 (18%) disseram ter aprendido sozinhos; 03 (6%) afirmaram que ainda têm dificuldades; e 2 (5%) atribuíram como *outras* as formas de sua preparação para a EaD.

Dos 6% que ainda têm dificuldades com a modalidade, 01 deles considera complexa a tecnologia; 01 disse que a ferramenta utilizada não é boa e o terceiro que a tecnologia é o principal óbice e ainda não se sente familiarizado com a ferramenta.

Relativamente aos professores que atribuíram *outras*, as formas de sua preparação para a EaD, 01 afirmou que não tinha experiência com a EaD e 01 diz que foi pelo convívio com os alunos na plataforma.

Ainda que a maioria tenha afirmado que se preparou para a modalidade à distância através de treinamento, 27 julgaram complicada a mudança de uma modalidade para outra (ver Gráfico 4).

A maioria dos professores afirmou que a mudança foi tranquila, ou seja, 32 (65%) justificaram pela facilidade (conhecimento prévio) com a internet, a plataforma e a ajuda que tiveram dos colegas da Instituição. Também reconheceram que a transição foi tranquila porque, em algum momento, tiveram treinamento na plataforma, seja da coordenação ou dos colegas da Instituição. Outros entenderam que a mudança foi vivida como um desafio e por isso sem qualquer turbulência, e ainda há os que apontaram o interesse em aprender a modalidade. Destes, 01 admitiu-se desgostoso com o EaD, mas teve de se adequar e, mesmo assim, considera que a passagem ocorreu sem qualquer problema.

GRÁFICO 4 – Como foi a Mudança do Presencial Para a EaD

FONTE: Pesquisa empírica.

Para os 17 professores que julgaram complicada a mudança de uma modalidade para outra, justificaram-se da seguinte forma: tiveram de aprender sozinhos para trabalhar na modalidade; falta de conhecimento de Tecnologia e/ou da plataforma e falta de contato com os alunos, bem como, dificuldade para entender as diferenças entre as duas modalidades. Apontaram, também, que seria importante os professores e os alunos receberem uma preparação prévia para a EaD, o que contribuiria bastante na transição de uma para outra modalidade. Um dos professores menciona: "[...] A ferramenta tem muitos recursos e não temos treinamentos para conhecer tudo. Existem recursos que seriam muito úteis, desde que usados, mas não temos esses conhecimentos. E também para ajudar os alunos que não conhecem e tem dificuldades para entrar".

Como a maioria dos professores veio da modalidade de Ensino Presencial para a EaD, buscou-se descobrir as principais dificuldades que tiveram nessa transição, havendo um empate entre as três primeiras opções, de acordo com o demonstrado no Gráfico 5.

Após responderem quais suas principais dificuldades com a mudança de uma Modali-

Porto Alegre, v. 17, n. 2, jul./dez. 2014
ISSN impresso 1516-084X ISSN digital 1982-1654

dade para outra, solicitou-se que justificassem suas respostas. Quatorze destacaram a plataforma como justificativa para suas principais dificuldades de mudança de uma modalidade para outra. A quantidade de alunos nas salas também foi outro aspecto mencionado, pois os professores afirmaram que prejudica a qualidade no ensino, dificultando a atenção e a correção de muitas atividades. No que se refere às questões metodológicas, novamente apareceram as dificuldades na transmissão dos conteúdos, a quantidade de alunos por turma, a preparação do conteúdo para as aulas em EaD e, para finalizar, a falta de tempo para planejar e entender a modalidade.

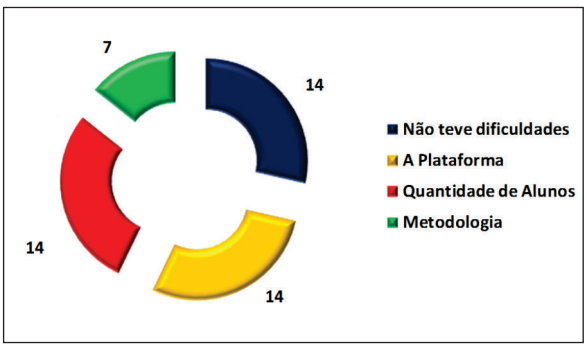

Gráfico 5 – Principais Dificuldades na Mudança de Presencial Para EaD

FONTE: Pesquisa empírica.

Os professores que não tiveram dificuldades destacaram que já conheciam a modalidade, mas, admitiram que é sempre difícil convencer o aluno da possibilidade de aprender por meio da EaD. Consideraram, ainda, um método bem tranquilo de se trabalhar e 01 dos entrevistados relatou não ter tido problemas com a modalidade, mas sim com a remuneração, que não foi proporcional ao número de alunos em sala virtual.

Percebeu-se, nesta última categoria, que os professores demandam de uma preparação especial para atuar na modalidade EaD. O grupo de professores entrevistados apontou a mudança de uma modalidade para a outra como sendo tranquila, mas destacou que as principais dificuldades nessa passagem foram: a Plataforma e a grande quantidade de alunos. O número de alunos que cada docente precisa atender dificulta a assistência e a atenção dedicada a eles.

4 Considerações Finais

O desafio da presente pesquisa foi responder ao questionamento sobre a transição dos professores atuantes na modalidade de Ensino Presencial para a EaD, pois acreditava-se numa grande dificuldade pessoal e metodológica na mudança desses professores para a EaD. Os resultados mostram que essa dificuldade existe para professores que participaram desta pesquisa.

Os aspectos mencionados foram: a plataforma na qual devem trabalhar, a quantidade de alunos por turma e a metodologia utilizada, pois estando acostumados a trabalhar com a modalidade presencial veem-se na posição de alteração do formato de apresentação dos conteúdos, conduzindo-os para o formato digital.

Outro propósito da pesquisa foi compreender as principais diferenças existentes na atuação docente entre as duas modalidades. Constatou-se que a maioria dos professores (40) reconhecem, prontamente, diferenças entre as duas modalidades, sendo a principal delas a forma de expor os assuntos para os alunos, pois como estão em um formato digital devem preparar os assuntos, desenhando modelos, para serem ministrados no formato digital.

Outra diferença apontada por alguns professores (06) é a forma pela qual podiam ex-

por os conteúdos teóricos e práticos em sala de aula, na modalidade presencial, acompanhando a execução junto com os alunos, enquanto na EaD não existe essa possibilidade, principalmente quando falam sobre disciplinas mais técnicas.

Quando os professores trabalham na modalidade presencial, de uma forma ou de outra, conhecem seus alunos pelo comportamento e atitudes em sala de aula, mas quando estão inseridos no formato EaD, torna-se muito difícil, sendo apontada, também, como uma das principais diferenças, por 05 professores.

O uso da tecnologia é apontado como diferença metodológica entre as duas modalidades. Alguns professores (10) não se adaptam à informática (uso de multimídias), pois nas aulas presenciais expõem seus conteúdos no quadro negro, enquanto que na EaD são obrigados a usar métodos e tecnologias muitas vezes desconhecidos por eles.

Dos professores, 21 afirmaram não reconhecer diferenças na atuação docente entre uma modalidade e outra, ainda assim, preferem a Modalidade Presencial, por eles considerada a melhor maneira de ensinar.

Para a maioria dos professores (32) que participantes deste trabalho, o processo de adaptação na mudança de uma modalidade para outra foi tranquilo e atribuíram essa tranquilidade ao conhecimento da tecnologia e ao domínio dos recursos, não trazendo, assim, maiores dificuldades.

Entretanto, quase um terço da amostragem da pesquisa (17 professores) lembrou que a mudança foi complicada, justamente por falta de conhecimento da TI (informática) e não obtiveram suporte para aprender a trabalhar com a plataforma.

Desses 17 professores, 09 deles apontaram a plataforma como a principal dificuldade; 05 apontaram a metodologia usada na ferramenta (*Moodle*); e 03 professores mencionaram a quantidade de alunos como principal item.

A plataforma e a quantidade de alunos por sala são, portanto, os principais motivos das dificuldades no processo de adaptação à modalidade, para 12 professores. Do total de professores, 22 afirmaram que não conheciam a ferramenta (plataforma) utilizada, logo, não sabiam como postar os exercícios, como responder de forma adequada aos alunos e como proceder para acompanhar o andamento de cada aluno. Outra preocupação foi o fato de não conseguirem dar o necessário *feedback* para todos, pois na maioria dos cursos existe uma grande quantidade de alunos, com turmas de 70 a 100 participantes, em cada sala virtual, chegando, em alguns casos, a 300 alunos em uma única sala virtual, visto que as disciplinas são oferecidas para todos os quatro Campi da Instituição.

Uma necessidade apontada pela maioria dos professores (22) foi a qualificação, chamada por eles de *treinamento intensivo* para uso da plataforma, quando os docentes poderiam aprender a utilizar a ferramenta desde o passo inicial de se *logar* no sistema até a finalização com a postagem das notas dos alunos na plataforma. Doze professores constrangeram-se em adotar uma modalidade de ensino até então totalmente desconhecida para eles.

Um grupo de 16 professores destacou que não tiveram dificuldades e é indiferente trabalhar com uma modalidade ou com a outra, pois acreditam trabalhar com facilidade em ambas.

Nas respostas que apontaram a tecnologia como a principal dificuldade, a maioria dos respondentes mencionou a necessidade do conhecimento de informática ou, no mínimo, domínio da ferramenta que irão utilizar para ensinar seus alunos, sendo esta indispensável

Porto Alegre, v. 17, n. 2, jul./dez. 2014
ISSN impresso 1516-084X ISSN digital 1982-1654

para os professores atuarem na modalidade à Distância.

Acreditava-se, antes da pesquisa realizada, que a EaD fosse uma modalidade não muito aceita entre os professores. Todavia, ainda que a maioria dos professores participantes dessa investigação tenha manifestado preferência pela modalidade presencial, eles admitem que a passagem de uma modalidade para outra foi tranquila, manifestando certo prazer quanto à atuação no ensino a distância, principalmente pelo desafio que representa esta mudança. O grupo de respondentes acredita que a EaD é uma tendência para a Educação Superior e para cursos de Especialização e Pós-Graduação.

Alguns teóricos citados neste trabalho acreditam que a EaD, por ser uma modalidade em crescimento, pode, pelo modo que vem-se organizando e pela intensa utilização das ferramentas de TI, ganhar espaço rapidamente, alcançando a população que até há pouco tempo não tinha possibilidade de acesso à Educação Superior e a Cursos de Pós-graduação.

Atualmente, não se fala em EaD sem pensar em TI, computador, redes e *internet*. A forma de disponibilizar o material para estudo é muito mais rápido na era digital do que anteriormente. Hoje, o material é preparado e disponibilizado praticamente no mesmo instante.

Para finalizar, vale mencionar que a investigação referenda a crença de que a EaD é uma realidade educacional que não deve ser ignorada, pois o que se vislumbra é um acentuado crescimento para os próximos anos, exigindo professores preparados e que se sintam confortáveis e competentes.

No Brasil, a EaD pode ser encontrada desde 1891, quando o Jornal do Brasil publicou, em sua seção de classificados, um anúncio oferecendo profissionalização por correspondência, o curso de Datilografia. Desta data em diante até a aprovação da LDB, (Lei Federal nº. 9.394/96), vem-se desenvolvendo de forma bastante expressiva. A partir de 1996, de forma mais estruturada e regulamentada pelo Ministério da Educação, impondo regras e limites para as instituições oferecerem a modalidade, a qual apresenta um crescimento expressivo.

No período 2011-2012, as matrículas cresceram 3,1% nos cursos presenciais e 12,2% nos cursos a distância. Em 2012, dos 7.037.688 alunos matriculados na Educação Superior, 1.113.850 o faziam via ensino a distância. Não há, no Censo de 2012, informações acerca dos professores atuantes na EaD.

Finalizando, cumpre destacar que o objetivo do estudo, sem qualquer pretensão de esgotar o assunto, foi conhecer os professores que viveram a mudança de uma atuação na modalidade presencial para a EaD, escopo estabelecido pelo pesquisador na tentativa de contribuir com as investigações já existentes.

Neste trabalho, os alunos não foram considerados, todavia, é fundamental que, em estudos futuros, seja identificada a maneira como os alunos recebem o EaD, as formas de apresentação dos conteúdos, das disciplinas e das avaliações, carecendo que se abra o leque para a abordagem do que pensam sobre os professores que atuam nessa modalidade, estendendo-se a observação sobre a ótica do discente relativamente ao ensino a distância.

Referências

BITTENCOURT, D.F. **A Construção de um Modelo de Curso *Lato Sensu* Via Internet**: a experiência com o curso de especialização para gestores de instituições de ensino técnico UFSC/SENAI. 1999. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, 199, Florianópolis, BR-SC. Disponível em: <http://www.eps.ufsc.br/disserta99/denia/> Acesso em: 15 nov. 2011.

BRASIL. **Lei Federal n°. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> Acesso em: 23 ago. 2012.

BRASIL. **Decreto Federal n°. 5.622**, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o art. 80 da Lei n° 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/decreto/D5622.htm> Acesso em: 23 ago. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. **Referenciais de Qualidade Para Educação Superior a Distância**. Brasília, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf> Acesso em: 15 jul. 2012.

BRITO, M.S. da S. Tecnologias Para EaD Via Internet. In: NOVOA, C.; ALVES, L. (Org.). **Educação e Tecnologia**: trilhando caminhos. Salvador: Ed. da UNEB, 2003. Disponível em: <http://www.lynn.pro.br/pdf/educatec/brito.pdf> Acesso em: 20 jul. 2012.

CENSO da Educação Superior 2012. Brasília: MEC/INEP, 2012. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/visualizar/-/asset_publisher/6AhJ/content/brasil-teve-mais-de-7-milhoes-de-matriculas-no-ano--passado> Acesso em: 25 abr. 2014.

DICIO: Dicionário Online de Português. **Preferir** [verbete]. [S.l.: s.n., 2009. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/preferir/> Acesso em: 10 ago. 2014.

GATTI, B. **Brasil**: tecnologias na educação de professores a distância: critérios de Qualidade. In: PORTAL do MEC. Brasília: MEC, [2010]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/4sf.pdf> Acesso em: 13 maio 2012.

HAGUENAUER, C. **Metodologias e Estratégias da Educação a Distância**. Entrevista concedida à "Folha Dirigida" do Rio de Janeiro/RJ. 2005. Disponível em: <http://www.latec.ufrj.br/portfolio/at/4%20EAD%20metodologias.pdf> Acesso em: 15 jun. 2012.

Porto Alegre, v. 17, n. 2, jul./dez. 2014
ISSN impresso 1516-084X ISSN digital 1982-1654

LEITE, L.S.; SILVA, C.M.T. da. A Educação a Distância Capacitando Professores: em busca de novos espaços para aprendizagem. **UNIFAP** – Universidade Federal do Amapá. Disponível em: < http://www2.unifap.br/midias/files/2012/04/A-EDUCA%C3%87%C3%83O-A-DIST%C3%82NCIA-CAPACITANDO--PROFESSORES.pdf> Acesso em: 08 jun. 2012.

LITTO, F.M. **O Aluno Está Acostumado com o Mundo Interativo, por isso a Escola Deve Mudar**. Entrevista concedida ao *site* "Educar para Crescer". 2010. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/entrevista-frederic-litto-527506.shtml> Acesso em: 15 jun. 2012.

MAIA, M. de C.; MEIRELLES, F. de S. **O Uso da Tecnologia de Informação Para a Educação a Distância no Ensino Superior**. São Paulo: FGV-EASP, 2004. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/3014/P00278_1.pdf?seq> Acesso em: 20 jul. 2012.

MORAN, J.M. Desafios da Educação a Distância no Brasil. In: VALENTE, J.A.; MORAN, J.M. (Org.). **Educação a Distância**: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2011. p. 52-58

OLIVEIRA, B.A. de; OLIVEIRA, Y.C.F.R. de. **Metodologias Utilizadas na Educação a Distância no Brasil** – Portal do Professor Livre na Rede – UFMG – 2010. Disponível em: <http://www.textolivre.pro.br/blog/UEADSL/2010_2/artigosPDF/> Acesso em: 18 jul. 2012.

OLIVEIRA, E.N. de. A Docência na Educação a Distância da UFGD. **EaD & Tecnologias Digitais na Educação**, Dourados, MS, v. 1, n. 2, p. 8-21, jul./dez. 2013.

ROMANI, L.A.S.; ROCHA, H.V. A Complexa Tarefa de Educar a Distância: uma reflexão sobre o processo educacional baseado na *web*. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, Porto Alegre, RS, v. 8, n. 1, p. 71-81, 2001.

VALENTE, J.A.; MORAN, J.M. (Org.). **Educação a Distância**: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2011.

Submetido para avaliação em 16 de junho de 2014.
Aprovado para publicação em 04 de outubro de 2014.

Celia Maria Haas: Universidade Cidade de São Paulo – Tatuapé – SP – Brasil. *Email*: celiamhaas@uol.com.br

José Norberto Sousa Lopes: Grupo Educacional Drummond – Tatuapé – SP – Brasil. *Email*: norberto@multifoco.com